

UNLIMITED

Arte sem Limites

GUIA DE ACESSIBILIDADE NA CULTURA

Igualdade de direitos para
as pessoas com deficiência

Ficha técnica

British Council

Diretor Brasil: Eric Klug

Diretor de artes: Luiz Coradazzi

Diretora adjunta de artes: Lucimara Letelier

Analista de projetos: Malu Penna

Gerente geral de comunicação: Lucia Alves

Comunicação digital: Juliana Ferreira

Comunicação com imprensa: Ana Signorini

Estagiária: Emanuela Nóbrega

Programa de Acessibilidade na Cultura

Concepção: Tony Heaton, Liliane Rebelo, Jhinuk Sarkar e Paula Lopez

Elaboração do programa: Barbara Lisicki e Zoe Partigton

Tradução dos textos: Fernanda Sampaio, Claudio Adas e Larissa Peron

Revisão de texto, edição e colaboração: Paula Lopez e Carla Mauch

Designer: Gustavo Athayde

Traduções consecutiva e simultânea: IDIOMATIQUE Traduções

Intérprete de Libras: JDL Traduções

Assessoria de imprensa: MNiemeyer

Produção executiva: Larissa Peron e Manuela Afonso

Coordenação - Unlimited: Paula Lopez (Produtora associada Transform)

Índice

1. Ficha técnica	2
2. Realizadores	4
3. Apresentação	6
4. Igualdade de Direitos para Pessoas com Deficiência – O que é e por que esse treinamento é importante para a sua instituição	8
5. Modelo Social da Deficiência: um modelo para melhores práticas na sua instituição	12
6. Refletindo sobre a terminologia da deficiência... no Reino Unido e no Brasil	16
7. Sugestões da Shape para avaliação de seu espaço cultural	18
8. Checklist de acessibilidade	20
9. Checklist de Necessidade de Recursos de Acessibilidade	26
10. Comunicação e sensibilização	28
11. Material gráfico, design e impressão acessíveis	32
12. Apêndice	36
13. Biografias	44

Realizadores_

British Council_

O British Council é a organização oficial para relações culturais e educação do Reino Unido, e está presente e atuante em 110 países. Organização sem fins lucrativos, encorajamos a formação de redes e a realização de projetos de interesse público nas áreas de Cultura e Artes, Educação e Sociedade.

No Brasil, o British Council vem implementando desde 2012 o Transform, programa que promove o intercâmbio de experiências entre artistas, produtores e instituições culturais do Brasil e Reino Unido entre as Olimpíadas de Londres (2012) e as do Rio (2016).

O Transform tem entre seus programas principais o Unlimited, legado dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Lançado no contexto das Olimpíadas Culturais e Jogos Paralímpicos, o Unlimited é o maior programa de incentivo à criação de artistas com deficiência no mundo.

A sua primeira edição no Brasil aconteceu em abril de 2013, com a realização do Unlimited: Arte Sem Limites no Rio de Janeiro, em parceria com o Sesc. No mesmo ano, foi realizada uma programação em São Paulo dentro da Mostra +Sentidos. Desde então, outras atividades envolvendo participação em festivais, performances, workshops, consultorias e treinamentos têm se desenvolvido no país incluindo Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Caruaru e Goiana.

O alcance do Unlimited vai muito além dos espetáculos. No Brasil, atuamos em três áreas principais: Fortalecimento de políticas públicas e institucionais com consultoria de acessibilidade em espaços culturais, seminários e redes; Criação Artística com promoção de artistas com deficiência por meio de espetáculos de excelência e cocriação; Formação de novas capacidades com oficinas para artistas e gestores culturais.

Em 2015, consolidamos a Rede Unlimited no Rio de Janeiro para troca de experiências em acessibilidade e influência em políticas públicas. Uma das ações desta rede é a realização de oficinas e a divulgação deste material, em parceria com o MAR e o Rio 2016.

Desejamos que as oficinas e este guia inspirem todos a fortalecer a acessibilidade no setor cultural, assim como a produção e promoção do trabalho de artistas com deficiência.

Museu de Artes do Rio - MAR_

O MAR é um museu de processos que integra arte e educação buscando a interlocução entre os diversos agentes da sociedade. Assim, todos seus espaços estão preparados para receber diferentes tipos de visitantes, com piso podotátil, elevadores acessíveis, cadeiras de rodas e banheiros adaptados para cadeirantes. Desde sua inauguração em março de 2013, o MAR possui um grupo de trabalho empenhado na constituição de uma agenda prioritária em torno da acessibilidade, a partir do diálogo com instituições comprometidas com uma educação inclusiva.

Desta forma, o museu investe em um processo de formação continuada para receber grupos com deficiência. A parceria com o Instituto Benjamin Constant possibilitou a formação de nossos educadores para entender processos de comunicação dos que não são mediados pela visão, e a realização de visitas para pessoas cegas e com baixa visão e outras atividades educativas, como o futebol de cegos. A exposição do projeto Fotolibras, de Pernambuco, resultou numa atividade educativa que batizou o MAR em Libras e disparou diálogos para uma futura parceria com o curso de Letras-LIBRAS (UFRJ) com a finalidade de receber graduandos como estagiários. A acessibilidade social também é uma prioridade do museu, que vem, por meio do projeto Circulando a Cultura, e conjuntamente com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, realizando ações com alunos do projeto de Educação de Jovens e Adultos, além de crianças, adolescentes, adultos e idosos de abrigos da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Celebra - Rio 2016_

A cultura como anfitriã de um país. Essa é a missão do Celebra – Programa de Cultura dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, que vai promover intervenções artísticas em espaços públicos de toda a cidade (praças, ruas e praias). Música, artes visuais, literatura, artes cênicas, dança e arte popular serão alguns dos segmentos que contarão com atividades gratuitas, de curta duração e ao ar livre, que vão surpreender a população local e os turistas, além de humanizar o espaço urbano com acessibilidade

O Comitê Rio 2016 se preocupa em oferecer, nos espaços e instalações oficiais, acesso sem barreiras às pessoas com deficiência ou mobilidade restrita. Dessa forma, garante as condições necessárias para que todos possam participar dos Jogos com autonomia e segurança.

Anotações_



© Sean Goldthorpe

Apresentação

‘Os Jogos Paralímpicos de Londres 2012 foram as competições mais assistidas na história paralímpica, assim como a cultura e os artistas com deficiência. A Cerimônia de Abertura – criada pela importante companhia Graeae e pelo Programa Unlimited – foi a maior vitrine já vista nas artes feitas por pessoas com deficiência.’¹

À medida que os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016 se aproximam, a Shape Arts e o British Council pretendem estimular colaborações internacionais entre artistas com deficiência e líderes de organizações ligadas à cultura.

A Olimpíada Cultural é uma oportunidade única de mostrar a todo o Brasil que arte e cultura podem ser emocionantes, inovadoras e acessíveis, estando a prática inclusiva no coração dessas atividades.

Assim como Londres 2012, acreditamos que o Rio 2016 deixará um legado que realçará o talento e a criatividade das comunidades de pessoas com deficiência no Brasil; celebrando a igualdade e a diversidade, agindo como um lembrete permanente dos direitos das pessoas com deficiência.

Através de oficinas e debates, queremos tratar das questões de acessibilidade e inclusão com as pessoas envolvidas em criar e manter o setor cultural vibrante em todo o Brasil. Essas discussões são direcionadas a artistas, programadores, curadores, gestores públicos e privados, diretores, produtores, profissionais de marketing e de comunicação e equipes de atendimento.

Vocês são as pessoas ideais para utilizar um modelo de práticas inclusivas inspirado pelas pessoas com deficiência e suas produções artísticas.

Este Guia foi desenvolvido pelas consultoras da Shape Arts em parceria com o British Council como um documento que amplia a reflexão e é composto por um conjunto de ferramentas para atender este propósito. Ele inclui materiais compilados ao longo do Programa Unlimited, um sistema inovador de financiamento para os artistas com deficiência do Reino Unido.

Esperamos que o conteúdo incluído nestas páginas forneça um ponto de partida para uma discussão mais aprofundada, que gere debates e planejamento, e que facilite o desenvolvimento e aprimoramento de mudanças construtivas.

Estamos confiantes de que suas ações acrescentarão uma nova, criativa e desafiadora dimensão ao panorama cultural contemporâneo.

Nós, da Shape, temos orgulho de fazer parte desse processo.

¹ L Gardner, No more Teletubbies: Paralympics Opening Ceremony Director speaks', Guardian, 8 February 2012

**Igualdade de
Direitos para
Pessoas com
Deficiência – O que
é e por que esse
treinamento é
importante para a
sua instituição**

O programa de treinamento Igualdade de Direitos para Pessoas com Deficiência (IDPcD - ou em inglês DET - *Disability Equality Training*) foi desenvolvido por pessoas com deficiência para atender à necessidade de informações sobre a realidade da deficiência, para posicionar a deficiência no contexto da igualdade e da diversidade e para demonstrar que um novo entendimento e abordagem da deficiência resultarão em mudanças positivas nas atitudes, no ambiente e nas práticas institucionais.

A maioria das pessoas tem uma compreensão limitada da realidade da deficiência pois vivemos em uma sociedade que, historicamente, segregou e excluiu as pessoas com deficiência da vida dita “normal”.

Isso pode parecer estranho, dado que a deficiência ou uma doença podem acontecer a qualquer pessoa em qualquer momento de suas vidas – é um elemento inevitável e comum da experiência humana. No entanto, a sociedade está organizada de forma a tratar a deficiência como uma circunstância excepcional que exige disposições especiais e, sobretudo, isoladas. Esta disposição é, muitas vezes, inadequada e serve apenas para manter as divisões e a falta de entendimento entre as pessoas com e sem deficiência.

No entanto, durante as últimas três décadas, em muitas partes do mundo, os órgãos públicos e privados perceberam que suas políticas e práticas de trabalho não cumpriram as necessidades, direitos e aspirações das pessoas com deficiência que são seus clientes ou beneficiários, consumidores e colegas e que, para mudar essa situação, precisam voltar-se para as pessoas com deficiência em busca de diálogo, aprendizagem e orientação. Essa mudança de percepção levou a uma demanda pelo treinamento IDPcD, dirigido por pessoas com deficiência, cujo objetivo é ajudar as pessoas a entender o significado da deficiência, identificar mudanças nas práticas de trabalho e planejar estratégias para realizar essa mudança.

Os objetivos fundamentais do treinamento Igualdade de Direitos para Pessoas com Deficiência (IDPcD) são a base para podermos atingir resultados de sucesso. O ponto de partida é o reconhecimento, apoiado em décadas de pesquisa e coleta de dados empíricos, de que as pessoas com deficiência enfrentam barreiras e discriminações em muitas áreas de suas vidas. Ainda que muitas delas possam ser involuntárias, essas barreiras são prejudiciais e restritivas, independentemente dos motivos que as sustentam.



© Sean Goldthorpe

Os cursos IDPcD são criados por profissionais com deficiência para que os participantes, detentores de muitas funções e responsabilidades, possam compreender a natureza dessas práticas discriminatórias, seu impacto e o que pode ser feito para eliminá-las.

No treinamento, os participantes irão encontrar alternativas para questionar as estruturas e comportamentos organizacionais que reforçam os mitos e valores negativos. Isso, no momento, impede que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de alcançar a igualdade e obter participação plena na sociedade.

Tanto nas artes quanto no contexto cultural, isto significa identificar barreiras específicas e abrir novas oportunidades para artistas e públicos com deficiência.

Talvez os exemplos de objetivos abaixo ajudem a ilustrar a estrutura dos treinamentos e os resultados de aprendizagem esperados.

Exemplos de Objetivos Gerais

1. Oferecer aos participantes do treinamento IDPcD uma oportunidade de aprendizagem construtiva sobre as principais questões ao respeito do tema.
2. Dar suporte à prática e ao desenvolvimento dos participantes do treinamento IDPcD, oferecendo-lhes ferramentas para trabalhar de forma eficaz com colegas, visitantes e públicos com deficiência e cujas questões de acesso devem ser consideradas em suas especificidades.
3. Remover barreiras e promover a prática inclusiva.

Exemplos de Objetivos Específicos

Ao final do treinamento, os participantes deverão:

1. Conhecer as definições legais, médicas e sociais da deficiência e como elas refletem as atitudes e as práticas.
2. Desenvolver as habilidades necessárias para o trabalho com pessoas com deficiência em termos de planejamento, envolvimento e atenção às necessidades do público.
3. Saber usar linguagem adequada e respeitosa e aplicá-la à deficiência em diversos contextos profissionais.
4. Saber aplicar estratégias para a comunicação eficaz em todos os contextos que envolvam a deficiência.
5. Conhecer os principais pontos e os conceitos-chave do debate em torno das artes e da cultura para pessoas com deficiência e saber torná-los relevantes na sua instituição.
6. Saber desenvolver e trabalhar com processos de planejamento inclusivos, destacando as melhores práticas para trabalhar com uma gama de colegas e clientes com deficiência.




Metodologia e princípios do treinamento


Os módulos são interativos e se baseiam principalmente na troca de informações, apresentações e sessões de perguntas e respostas, exercícios em grupo, feedback, discussões e práticas das habilidades.

As aulas são desenvolvidas para serem informativas. Todas têm enfoque prático e procuram instrumentalizar o participante com ideias e estratégias que tragam mudanças relevantes e úteis ao seu trabalho.

O aprendizado é realizado em ambiente de confiança onde os indivíduos não serão julgados ou criticados. A confidencialidade será respeitada.

A participação é incentivada, mas não é obrigatória e todas as contribuições são valorizadas.



A large pink square is centered on the page. Two thin, dark pink diagonal lines extend from the top-left and bottom-right corners of the square towards the edges of the page. The text is centered within the square in a white, bold, sans-serif font.

**Modelo Social
da Deficiência:
um modelo para
melhores práticas
na sua instituição**

Em todos os módulos de treinamento da Shape usaremos como referência o Modelo Social da Deficiência. Essa é a nossa base e nosso ponto de partida. Uma vez compreendida e adotada, essa abordagem em relação a deficiência fornecerá soluções claras e práticas para uma gama de possíveis problemas e oferecerá aos parceiros as ferramentas necessárias para gerar mudanças criativas.

Os pontos-chave abaixo podem ajudar na compreensão do modelo social.

1. O Modelo Social da Deficiência foi desenvolvido por pessoas com deficiência para identificar a discriminação e agir contra ela. Foi concebido para questionar a visão geralmente aceita da deficiência como um “problema” médico individual, com foco no que a pessoa com deficiência não pode fazer. Essa abordagem, conhecida como o “Modelo Médico da Deficiência”, foi desacreditada por pessoas com deficiência e provou ser estática e ineficaz.
2. O Modelo Social define a deficiência como uma construção social. A deficiência é gerada por barreiras físicas, organizacionais e comportamentais, que podem ser alteradas e mesmo eliminadas. Esta abordagem nos apresenta um modelo dinâmico e positivo, que identifica o problema e propõe uma solução.
3. Ele se afasta do modelo médico que “culpa” o indivíduo por suas limitações, argumenta que a deficiência está e sempre estará presente na sociedade e sugere que o único resultado lógico é planejar e organizar a sociedade de forma a incluir, e não excluir, as pessoas com deficiência.
4. Para entender completamente o Modelo Social, temos de fazer uma **distinção clara entre limitação**¹ (uma condição, doença ou perda/falta de função) e deficiência (barreiras e discriminação).
5. Portanto, usamos como referência o termo “pessoas com deficiência”, significando pessoas com limitações que enfrentam barreiras, discriminação e exclusão social, seja potencialmente ou na prática. Isso quer dizer que há sempre o risco de acontecer uma prática discriminatória – a menos que haja uma intervenção ativa para impedi-la.
6. A análise do Modelo Social demonstra que grupos de pessoas com diferentes deficiências ou limitações não têm questões e interesses isolados, mas, pelo contrário, enfrentam problemas comuns – como a falta de acesso à informação e à comunicação, a exclusão social e a discriminação em muitos aspectos da vida. O Modelo Social capacita a encontro de soluções comuns para remover essas barreiras.
7. O Modelo Social permite que as pessoas com deficiência discutam sua situação em termos de direitos humanos e igualdade, desafiando o modelo médico assistencial que se baseava em princípios de cuidado, cura e bem-estar.

¹ para evitar confusões entre dois conceitos, a palavra *impairment* foi traduzida aqui como limitação. As palavras *disability/disabled*, atualmente mais aceitas, foram traduzidas como “com deficiência” (NT)

8. O Modelo Social tira o foco da limitação² e coloca a responsabilidade no governo, nas instituições, nas empresas e nos indivíduos em todos os setores da sociedade de modo a identificar e realizar mudanças construtivas, removendo barreiras e ampliando o acesso.
9. A primeira definição do Modelo Social que identificamos nasceu na Union of Physically Impaired Against Segregation (União de Deficientes³ contra a Segregação) – UPIAS, em 1976.

² para evitar confusões entre dois conceitos, a palavra impairment foi traduzida aqui como limitação. As palavras disability/ disabled, atualmente mais aceitas, foram traduzidas como “com deficiência” (NT)

³ a palavra impaired foi traduzida aqui como “deficiente” de modo a deixar claro que, embora as duas palavras tenham sido aceitas no passado, elas caíram em desuso pois não seguem os preceitos do Modelo Social da Deficiência (NT)

“Acreditamos que é a sociedade que faz a deficiência. A deficiência é algo imposto sobre nossas limitações², pela forma como somos desnecessariamente isolados e excluídos da participação plena na sociedade. As pessoas com deficiência são, portanto, um grupo oprimido na sociedade.”

Anotações_

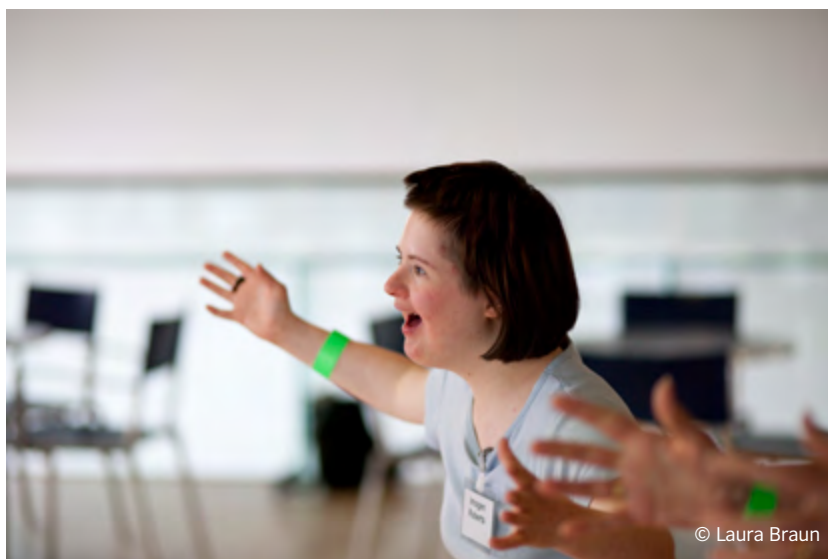
**Refletindo
sobre a
terminologia da
deficiência... no
Reino Unido e
no Brasil**

Como todos os outros movimentos e grupos organizados, as pessoas com deficiência discutem, tanto no Reino Unido quanto no âmbito internacional, qual seria a terminologia mais adequada para o tema. No nosso setor – arte e cultura – as palavras têm tamanho impacto e importância, o que torna necessário abrir a discussão sobre os termos usados para descrever as pessoas e a questão da deficiência de forma apropriada e respeitosa:

No Reino Unido, o termo preferido tem sido “disabled people” (em vez de “people with disabilities”, amplamente utilizado nos Estados Unidos). O termo “disabled people” tem como base o Modelo Social da Deficiência, que coloca a deficiência na sociedade, por suas barreiras e práticas discriminatórias. As limitações não são inerentemente incapacitantes; são apenas um fato da vida de uma pessoa.

Em português os termos que encontramos para descrever a deficiência e as pessoas com deficiência são: “**pessoas com deficiência**” ou os termos “**deficientes**” e “**portadores de deficiência ou de necessidades especiais**” utilizados por pessoas que não estão diretamente envolvidas com o Modelo Social.

Na nossa percepção, esses termos dão a entender que há algo errado ou faltando na pessoa. Qual seria então a definição mais adequada ao Modelo Social? Estamos extremamente interessados em participar dessa discussão com nossos colegas brasileiros.



Seja qual for o resultado final, é importante se certificar que a linguagem que você usa seja sempre

1. **Descritiva** (ex: cadeirante; cego)
2. **Clara e de fácil compreensão** (ex.: tem uma deficiência auditiva ou um problema na fala, por exemplo pessoas com Paralisia Cerebral)
3. **Simple** (sem o uso de advérbios desnecessários como ‘severamente’ ou ‘profundamente’. Afinal o que eles acrescentam?!)
4. **Não emotiva** (sem o uso de termos como ‘sofre de...’ ou ‘vítima de...’)
5. **Respeitosa** – que seja orientada por pessoas com deficiência e que incorpore a perspectiva do modelo social



**Sugestões da
Shape para
avaliação de seu
espaço cultural**

É importante rever as possibilidades de acesso do seu espaço antes de receber artistas, instituições artísticas ou públicos com deficiência. Os benefícios de ampliar a acessibilidade do seu local incluem:

1. Permitir que mais pessoas participem do seu programa
2. Fazer com que os visitantes se sintam bem vindos e valorizados
3. Aumentar a diversidade do público

Certifique-se que está dando a todos a chance de descrever as necessidades de recursos de acessibilidade e esteja preparado para fornecer e variar as possibilidades de acesso para atender às necessidades individuais.



O checklist é destinado a ser um ponto de partida para incentivar os espaços das artes a pensar sobre acesso e a explorar formas de fazer melhorias. A Shape incentiva os espaços culturais a consultar instituições especializadas em deficiência, inclusão e acessibilidade, organizações habituadas às questões de acesso, informadas sobre a legislação que rege a acessibilidade, para realizar avaliações completas, e consultas a grupos e públicos locais.

Checklist de acessibilidade

Publicidade / Marketing	Checado?
Incluiu informações sobre o acesso disponível em: <ul style="list-style-type: none">• peças gráficas, site, no local e em todos os materiais enviados para a mídia em geral / marketing?	
As informações estão facilmente disponíveis em formatos alternativos, tais como: <ol style="list-style-type: none">1. Impressão ampliada, áudio, Braille, linguagem clara e fácil, leitura simples (o que pode incluir imagens e ícones para ilustrar o significado).2. Versão em Word/ TXT para divulgação por e-mail / para download.3. Mapas com símbolos / mapas com textura.	
Informou os seus funcionários/ público como eles podem pedir informação em formatos alternativos e comunicou isso em seus materiais de marketing?	

Staff	Checado?
Há um especialista em acessibilidade responsável ou em um primeiro ponto de informação de acesso no seu local?	
O seu pessoal está treinado em Igualdade de Direitos para Pessoas com Deficiência?	
Você pede a opinião/sugestões das pessoas que frequentam seu local para saber sobre a sua experiência em relação a acesso?	
Você tem formulários de avaliação disponíveis em formatos alternativos? (não apenas impressos, online? Opções de áudio?)	

Deslocamento / Transporte

Checado?

Você tem vagas de estacionamento acessíveis e devidamente sinalizadas?
As vagas estão divulgadas no seu material de marketing - seus funcionários sabem da existência delas?

Você divulgou quais são os transportes públicos próximos (incluindo informações sobre o acesso nas estações de metro, linhas de ônibus, serviços e obras no trânsito que causam interrupções nos serviços de transporte)?

Você indicou as distâncias entre os principais serviços do seu espaço, tais como banheiros, estacionamento ou prestadores de serviços locais?
Onde estão os pontos de embarque e desembarque? Estão claramente sinalizados aos visitantes?
Você indicou quais são os pontos de referência da cidade/bairro para auxiliar os visitantes a chegar ao seu espaço?



© Rachel Cherry

Sinalização e orientação no seu local	Checado?
<p>Existe um membro da equipe de atendimento atuando como primeiro ponto de contato para o acesso ao seu espaço?</p> <p>Essa informação está claramente divulgada aos visitantes?</p>	
<p>Você colocou toda a sinalização a uma altura adequada para cadeirantes?</p>	
<p>Há alguma superfície que reflete a luz e que possa afetar a visibilidade?</p>	
<p>Você checkou se toda a sinalização do evento tem bom contraste de cores, usa tipos de fontes com boa leitura e no tamanho adequado?</p>	
<p>A sinalização está em língua portuguesa apenas e/ou ilustrada por símbolos?</p>	
<p>Já considerou display / layouts de exposição acessíveis? Por exemplo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Altura adequada para exibição de obras penduradas, informação das obras / painéis de interpretação, rodapés, vitrines (altura do olho em 1,10 m para acesso de cadeira de rodas) 2. Espaço de manobra para cadeiras de rodas e carrinhos (min. 1,30 m de diâmetro) 3. Iluminação adequada 4. Explicação em uma variedade de formatos, tais como: áudio descrição, Braille, impressão em grande formato, linguagem simplificada <p>Observação: veja ABNT 9050 para Legislação Brasileira</p>	
<p>Você instalou sinalização para indicar todas as entradas / saídas? Garantiu que as pisadas e rotas de acesso estejam no nível correto e removeu todos os obstáculos?</p>	
<p>Você indicou as escadas, rampas, etc. usando sinalização de alto contraste?</p>	

Acessibilidade em todas as áreas	Checado?
<p>Você incluiu assistência adicional / serviços extras, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Instalações para cães-guia (tigela de água) 2. Uso / aluguel de cadeira de rodas / scooter (cadeira motorizada) 3. “Anel Magnético para pessoas com deficiências auditivas” * 4. Anúncios visuais para os intervalos /sistema de alarme <p>*Bucle magnético em espanhol ou Induction loop em inglês</p>	
<p>Os seus espaços de trabalho são acessíveis (por exemplo, salas de espetáculo / escritórios / salas de ensaio e camarins)?</p> <p>Pode descrever de forma clara como são acessíveis para os visitantes?</p>	
<p>Você considerou a altura de mesas / bancadas para acomodar os usuários de cadeira de rodas em todas as áreas públicas no local (ex.: café, área de recepção, hall de entrada, bilheterias, etc.)?</p>	
<p>Você considerou as opções de assentos nos espaços cênicos para os usuários de cadeiras de rodas a fim de garantir que eles não fiquem segregados e separados dos amigos / família não cadeirantes?</p>	
<p>Você informou todos os funcionários / membros da plateia sobre as opções de assentos disponíveis em seu espaço (por exemplo, inclinação e tipo de assento, espaço de perna suficiente, tipo de pavimento, assentos e setores numerados para fácil localização)?</p>	
<p>Você tem lugares reservados com uma boa visão do intérprete de Língua de Sinais para espectadores surdos? Você informou todos os membros da equipe / público, onde o intérprete ficará colocado?</p>	
<p>Seus banheiros acessíveis passam por frequente manutenção (por exemplo, verifique se o cabo de tração de emergência está acessível e não amarrado fora do alcance)? Se os banheiros são mantidos trancados, a sinalização é clara sobre como acessar? A sua equipe inteira sabe onde fica guardada a chave e está ciente de quaisquer obstruções armazenadas dentro dos banheiros? (ex: material de limpeza / cadeiras sobressalentes, entulhos...)</p>	


Informações adicionais

Checado?

Por favor, inclua todos os serviços de acesso adicionais que poderiam ser fornecidos a você sob demanda. Por exemplo:

1. Um local de descanso
- 2.
- 3.
- 4.

Anotações_



Checklist de Necessidade de Recursos de Acessibilidade

Pergunte sempre

1. Ao agendar uma reunião com um contato externo, visitante ou um colega não se esqueça de perguntar se eles necessitam de algum recurso de acessibilidade.
2. Faça uma breve explanação sobre o ambiente para que possam estar bem informados e possam dizer qual tipo de suporte irão precisar. Torne isto parte de qualquer procedimento pré-reuniões ou pré-eventos.
3. Essa conduta demonstrará suas ações inclusivas e sua vontade de fazer com que todos que chegam ao seu espaço se sintam bem vindos.

Fornecer informações com antecedência

1. Nas suas comunicações on-line ou impressas e nos guias de visitas profissionais / viagens a trabalho certifique-se de incluir informação necessária sobre acessibilidade e destaque os recursos disponíveis.
2. Oriente as pessoas a entrar em contato caso elas queiram discutir as suas necessidades de recurso de acessibilidade com você.
3. Tranquelize as pessoas quanto ao atendimento das necessidades de acesso, no entanto, não prometa algo que não possa oferecer.

O que perguntar

- Você necessita de algum recurso de acessibilidade (para a reunião / evento / visita / viagem)?

Ou

1. Existe algo que possamos oferecer / fornecer para ajudá-lo no dia do evento?
2. Gostaria de receber as informações / materiais / anotações disponíveis em um formato alternativo?

Por favor, especifique claramente qual seria este formato.

3. Você gostaria que enviássemos informações / materiais com antecedência?
4. Você tem alguma restrição ou necessidade alimentar específica?

Seja claro sobre o que você pode oferecer e como vai se planejar para isso.



**Comunicação
e
sensibilização**

A linguagem faz a diferença...

1. Linguagem inadequada pode ofender. Converse com pessoas com deficiência para descobrir que tipos de palavras e frases elas consideram ofensivas.
2. Incentive as pessoas com deficiência a corrigir sua linguagem. Não tenha medo de corrigir seus colegas – desde que você o faça de maneira profissional, respeitosa, sem presunção ou juízo de valor. Esta é a coisa certa a fazer.
3. Lembre-se que o termo “acesso” pode ter um significado diferente para empresas / instituições / culturas diferentes. Se tiver dúvida, seja específico ao perguntar se um local é acessível para pessoas com deficiência, por exemplo:

“Descreva seus recursos de acessibilidade para visitantes com deficiência visual” ou “Como um cadeirante teria acesso a todas as partes de seu prédio?”

Diferentes abordagens utilizadas no Reino Unido

Deficiências invisíveis

O Modelo Social é inclusivo em seu escopo e incluiria pessoas com deficiências invisíveis, como condições de fadiga, deficiência de aprendizado e condições de saúde mental. Existem concepções diversas sobre a “visibilidade” da deficiência como pré-condição para que os requisitos de acessibilidade sejam atendidos. Como resultado, pessoas com deficiências invisíveis enfrentam com frequência barreiras comportamentais e físicas.

Pessoas com dificuldades de aprendizado ou pessoas com deficiência de aprendizado

Se alguém tem uma dificuldade de aprendizado ou deficiência de aprendizado, isto significa que a pessoa pode não aprender coisas no mesmo ritmo ou da mesma maneira que outras pessoas. Portanto, elas podem precisar de apoio no aprendizado.

Muitas pessoas com deficiência de aprendizado não tiveram a oportunidade de aprender a ler e/ou escrever – isto significa que elas podem ter dificuldade para entender informações impressas. Algumas pessoas podem ter dificuldade em compreender ou mesmo encontrar utilidade em informações não familiares, novas ou complicadas, por exemplo, mapas.

Dificuldades de aprendizado (como dislexia) são diferentes das deficiências de aprendizado (como Síndrome de Down). Se você oferecer ou apresentar as informações em texto de fácil leitura, linguagem simples e usar imagens ou símbolos, então estará tornando-as mais acessíveis e fáceis de entender para muitas pessoas.

Questões de saúde mental

Este termo é usado para descrever pessoas que talvez usem serviços de saúde mental. No Reino Unido, estatisticamente uma em cada quatro pessoas passará por algum tipo de desgaste mental em sua vida, mas podem não querer ser rotuladas ou estigmatizadas, o que é provável considerando-se a negatividade social e colocada pela mídia em relação a qualquer um que tenha ou exiba sintomas de doença mental. O termo ‘questões de saúde mental’ é neutro e pragmático e pode indicar qual ação precisa ser tomada para ajudar e oferecer suporte adequado.

Existem vários outros termos existentes, como ‘sobrevivente’ ou ‘usuário do serviço’, mas acredita-se que as pessoas possam definir a si mesmas usando palavras que sejam aceitáveis para.

O que é desgaste mental?

Desgaste mental inclui uma grande variedade de experiências: algumas podem ser bem leves ou moderadas, enquanto outras podem assumir uma forma mais intensa, afetando a capacidade da pessoa de lidar com as atividades do dia a dia. Talvez você já tenha ouvido falar sobre algumas das experiências mais comuns, como depressão, ansiedade, automutilação, distúrbios alimentares, esquizofrenia, psicose, estresse e bipolaridade.

Sugestões atitudinais:

1. Mantenha uma mente aberta – as barreiras que as pessoas enfrentam são frequentemente comportamentais e não físicas (embora, é claro, elas possam coincidir), portanto em muitos casos você não saberá se alguém tem uma questão de saúde mental.
2. Faça uma distinção entre a pessoa e a doença.
3. Não ache que a pessoa não tenha a capacidade de tomar decisões por conta própria. Mesmo sofrendo desgaste mental, as pessoas podem manter uma clareza sobre sua situação e suas necessidades. Psicose extrema é rara e estas pessoas freqüentam pouco os locais públicos.

Diretrizes e estratégias de comunicação

Estas diretrizes são relevantes para a comunicação com uma ampla gama de pessoas com deficiência, incluindo pessoas surdas, pessoas com deficiência auditivas, visual, intelectual, física, ou múltipla, os surdocegos ou com dificuldades de aprendizado.

O objetivo é ajudá-lo a estabelecer novas formas de comunicação em situações potencialmente não familiares.

Não é uma lista abrangente, mas ela foi criada para que você desenvolva suas próprias estratégias.

1. Descubra qual o meio de comunicação preferido da pessoa. Não faça suposições sobre quais seriam esses meios.
2. Fale diretamente com a pessoa – não com seu acompanhante, facilitador, membro da família ou colega.
3. Observe o movimento de seus lábios. Evite cobrir sua boca com as mãos e não coma ou masque chiclete enquanto estiver falando.
4. Usar ou escrever palavras-chave, apontar, desenhar diagramas, símbolos ou imagens são estratégias úteis e aceitáveis para transmitir sua mensagem.
5. Tente não usar jargão ou complicar demais as informações que deseja transmitir. Isto pode criar barreiras para uma comunicação eficaz e fazer com que as pessoas com deficiência sintam-se não capacitadas.
6. Use expressões faciais para ajudar no clima de sua conversa, por exemplo, decepção, entusiasmo, frustração, alegria.

7. Mantenha suas mãos livres para que você possa usar o gesto e a língua de sinais como suportes daquilo que você está dizendo.
8. Mantenha um contato visual frequente e confirme as informações usando recursos não manuais (como movimentos de cabeça) e/ou dicas verbais (por exemplo, Ok, Sim, Ããã).
9. Se a pessoa parecer não estar entendendo o que você está dizendo, pense na estrutura, contexto e conteúdo de seu diálogo. Verifique se ela está entendendo antes de prosseguir.
10. Observe seu ambiente. Obtenha informações sobre requisitos de acessibilidade previamente e reserve tempo suficiente para garantir que eles possam ser atendidos.



Anotações_



**Material
gráfico, design
e impressão
acessíveis**

1. Em materiais genéricos tente escrever as informações em linguagem simples. Ficará mais claro para todos. Use frases curtas e palavras não muito complicadas.
2. Como uma instituição criativa, você não deve comprometer sua abordagem criativa ou descritiva. O desafio é tornar o que você escreve interessante e acessível. É possível fazê-lo!
3. Em alguns casos, você pode escolher produzir uma versão de Leitura Fácil de um material mais complexo. Torne-o visualmente interessante e trate o leitor de forma inteligente. O objetivo é que o material tenha um padrão tão bom quanto o do material mais longo, mais detalhado e complexo.

Impressão

1. Use fonte 14 (12 é o mínimo absoluto). Muitas pessoas com deficiência visual e pessoas com baixa visão requerem um tamanho de fonte 18 ou mais. Na dúvida, pergunte.
2. Evite fontes itálicas, serifa e ‘manuscritas’ ou letras maiúsculas para textos longos e contínuos.
3. O contraste entre as cores e o texto deve ser de pelo menos 25%.
4. Use contraste de cor de forma criativa! Tons de azul claro e escuro, por exemplo, ou tons de diferentes paletas de cores funcionam bem.
5. Evite colocar texto sobre imagens, a menos que você use um gradiente ou uma camada semitransparente entre o texto e a imagem para ‘suavizar’ a imagem.
6. Textos muito espremidos podem incomodar o leitor. Deixe espaço entre os parágrafos e use parágrafos curtos.
7. Não amontoe informações na página – mantenha-a clara e simples.
8. Evite papéis brilhantes (eles refletem muita luz), papéis muito finos (pois o texto pode trespassar) e dobras no papel que possam atrapalhar o texto.
9. Em geral arquivos PDF são incompatíveis com software de leitura de tela e, portanto, podem ser inacessíveis para cegos e pessoas com baixa visão. Use TXT.

Trabalhando com designers e desenvolvedores de sites

1. Materiais de marketing não podem agradar a todas as pessoas igualmente, mas um design interessante e visualmente criativo não precisa ser sacrificado pela legibilidade.
2. Se sua campanha de marketing não conseguir se comunicar com todas as pessoas, então seu design não é bom.
3. Um bom designer enxergará o desafio criativo de tornar seu marketing e site atraentes e acessíveis.

Opções de formatos

1. Convide as pessoas a solicitarem pelos formatos – não faça com que isso pareça uma tarefa árdua. Diga “peça-nos esta informação em formatos alternativos” ao invés de “esta informação está disponível em formatos alternativos caso solicitada”.
2. Saiba quais formatos alternativos você pode fornecer e quanto tempo levará. Encontre alguns fornecedores como gráficas que possam produzir suas brochuras ou folhetos em formato Braille e empresas de mídia que possam converter texto em arquivos de áudio ou vídeo.
3. Descubra seus custos com antecedência para considerá-los em seu orçamento e marketing. Reserve alguns recursos financeiros para esses formatos alternativos.
4. Não assuma que ‘formatos alternativos’ sempre signifiquem Braille. Um vídeo em LIBRAS ou um formato de áudio também são possibilidades.
5. Pense nos benefícios adicionais dos formatos alternativos. Eles podem ajudar os locais a atingirem públicos mais amplos. Audioguias são acessíveis para cegos e pessoas com baixa visão, pessoas com deficiência intelectual ou de aprendizado e pessoas com português como segundo idioma, mas também podem ser usadas para atingir um público de podcast.

On-line

1. Escreva em português simples e use parágrafos bem curtos – duas ou três linhas são suficientes.
2. Use imagens relacionadas a seu trabalho. Para cada imagem forneça uma alternativa de texto que descreva a imagem, o que ajudará seu software de leitura de tela e tornará seu material mais acessível para cegos e pessoas com visão parcial.
3. Inclua legendas para materiais de vídeo on-line.
4. Use links significativos. Imagine que o link aparece sozinho na parte superior da página – as pessoas saberão para onde serão levadas se ‘cliquem aqui’? Faça com que a frase inteira seja o link dizendo “clique aqui para mais informações sobre conteúdo acessível” ou “clique aqui para mais detalhes de nossa próxima exposição”. Verifique se seus links existentes são descritivos.
5. Desligue o som e verifique se o conteúdo de áudio continua disponível por meio de seu equivalente em texto.
6. A Iniciativa de Acessibilidade à Internet (WAI na sigla em inglês) do WC3 é um padrão de acessibilidade para sites, permitindo que você obtenha uma classificação A, AA ou AAA. Para mais informações, visite o site (versões em português estão disponíveis): www.w3.org/WAI

Anotações_



© Steve Ryan

Apêndice_

Estudo de caso 1

Interpretação criativa para visitantes cegos e com baixa visão: Exposição fotográfica 'Rivers of Birminam' [Rios de Birminam] de Vanley Burke

Vanley Burke é um artista que vem documentando a diversidade e as características cosmopolitas da cidade de Birmingham há quase 50 anos. Burke nasceu na Jamaica em 1951 e foi criado por sua tia enquanto os pais se mudavam para o Reino Unido para iniciar uma nova vida para sua família. Uma série de imagens mostra a conexão entre o legado jamaicano e a moderna vida britânica.

Objetivos

Em 2012 Zoe Partington abordou instituições baseadas na região de West Midlands, e que estavam envolvidas na atividade Olimpíada Cultural, com o objetivo de criar e desenvolver sua estratégia de acessibilidade para cegos e pessoas com baixa visão. Isto resultou em uma colaboração com Vanley Burke e o curador de sua exposição 'Rivers of Birminam', que tinha como foco específico envolver um público de cegos e pessoas com baixa visão, pertencentes a grupos formados por negros e minorias étnicas.

Processo

O ponto de partida foi marcar uma reunião com o artista, um artista negro de poesia falada, o curador da exposição e um profissional cego.

Foram desenvolvidas 5 sessões criativas. As sessões proporcionaram um fórum aberto para que todos os participantes compartilhassem suas ideias sobre o conteúdo da exposição, a experiência de acessibilidade à galeria e o envolvimento com as imagens.

O grupo chegou à conclusão de que deveria haver 3 versões de audiodescrição das imagens; uma desenvolvida pelo descritor de áudio, uma pelo artista de poesia falada e uma pelo profissional cego.

Uma seleção de fotografias foi escolhida pelo grupo. Arquivos de Áudio Descrição Criativa (AD) foram gravados, incorporando as habilidades do artista de poesia falada com música associada ao ano em que a foto foi tirada. Uma coleção para manuseio também foi concebida para acompanhar a exposição.

Desenvolvimento do público

O local percebeu que os visitantes cegos e com baixa visão não iriam aparecer na exposição simplesmente porque havia a oferta de áudio e interpretação, e percebeu-se que a equipe de RP e marketing precisava começar a envolver o público cego logo no início do processo, preferivelmente antes do desenvolvimento do projeto, e colocar um plano em prática.

Canais de mídia social são uma ferramenta de marketing importante e acessível, assim como: a rádio local, jornais em formato de áudio, TV e locais / serviços frequentados por pessoas cegas, como clínicas oftalmológicas.

Pontos-chave do aprendizado

1. Abrir as conversas sobre suas coleções para que cegos e pessoas com baixa visão trabalhem com pessoas que são facilitadores criativos e têm experiência em tornar as coleções acessíveis para públicos diversificados.
2. Treinamento e pesquisa são realmente valiosos. Registre o processo para seu próprio aprendizado e o da equipe criativa mais ampla. Isto também fornece um registro de onde e porque mudanças foram necessárias para mostrar aos diretores e funcionários mais experientes/antigos do museu.
3. Grupos locais de cegos são um interessante ponto de partida, mas é importante ir além desse ambiente. Investigue outras opções e tente envolver pessoas cegas de todas as idades e suas famílias por meio de outras redes. Muitos cegos não têm conexão com grupos locais e podem visitar independentemente se forem oferecidos acesso e suporte.
4. Treinamento em audiodescrição pode desenvolver a confiança e as habilidades de apresentação de sua própria equipe interna e dos voluntários.

Foi produzido e disponibilizado no YouTube um filme oferecendo dicas sobre audiodescrição. O impacto da exposição e a circulação desses vídeos têm sido um catalizador positivo de mudanças. Agora o local está comprometido com um programa muito mais significativo de desenvolvimento e exibição do trabalho de artistas com deficiência.

‘Uma pequena ideia pode ser o catalizador e criar ondas que mudam a cultura para sempre e abrem o acesso para todos. A importância de sua contribuição e pequenas mudanças nunca devem ser subestimadas, a forma como a inclusão é abordada pode representar um legado duradouro que pode moldar o futuro e mudar mentalidades.’

Declaração de um participante

Estudo de caso 2

Um programa criativo de encomendas para artistas com deficiência: Unlimited

O programa Unlimited esteve no cerne da Olimpíada Cultural 2012 em Londres, celebrando o trabalho de artistas com deficiência em uma escala sem precedentes. Em 2013 a Shape e o Artsadmin receberam recursos financeiros para implementar um novo programa de três anos com importantes parceiros, entre eles o British Council (Conselho Britânico), o Southbank Centre, o DAO e o DaDaFest. Entre 2014 e 2016 o programa Unlimited irá novamente apoiar artistas com deficiência para que eles criem obras de excelência.

Objetivos

1. Promover obras de arte de alta qualidade de artistas com deficiência
2. Incorporar artistas com deficiência ao setor cultural
3. Atrair público para a arte feita por artistas com deficiência
4. Transformar a percepção da deficiência

Processo

O Unlimited está desenvolvendo um projeto único no Reino Unido para garantir que artistas sejam apoiados durante todo o processo de criação; desde a inscrição inicial até o estágio de avaliação final.

Uma comissão liderada por pessoas com deficiência seleciona as obras fomentadas. Os 13 membros da comissão incluem renomados artistas com deficiência e indivíduos do Southbank Centre e do British Council (British Council).

Pontos-chave do aprendizado

1. Solicitar e responder ao feedback do artista. Estamos reformulando o processo de fomento do Unlimited baseado no feedback dos artistas com os quais trabalhamos. Em resposta à nossa contínua avaliação, reestruturamos o formulário de inscrição do Unlimited, adaptamos nosso site e melhoramos a maneira de planejar e executar os eventos do Unlimited.
2. Nem todos os artistas com deficiência são experts em tornar seu trabalho acessível para todos os públicos. Discussões abertas, compartilhamento de habilidades e oportunidades de treinamento com profissionais da área de acessibilidade e outros artistas contratados oferecem uma fonte inestimável de expertise e aprendizado.
3. Orientação também é um elemento essencial do programa de fomentos. Pedimos a todos os artistas contratados que destacassem as áreas que eles gostariam de ver apoiadas em seu próprio desenvolvimento profissional. Desta forma podemos intermediar parcerias adequadas entre artistas e profissionais do setor.
4. Convidar instituições de todo o Reino Unido para se tornarem 'Aliados da Unlimited' está ajudando a criar uma rede mais ampla de locais e instituições artísticas comprometidas em contratar e promover o trabalho de artistas com deficiência. Esperamos incutir uma mudança cultural mais sustentável que deixe um legado para além do final do programa em 2016.
5. Conversas, discussões em grupo e debates do tipo mesa-redonda encorajam um debate crítico mais amplo e permitem que artistas e público investiguem mais profundamente os temas e tópicos abordados pelo trabalho de Fomento da Unlimited. Ao longo do programa foram abordados os seguintes temas; 'Deficiência e desejo', 'É possível tornar todos os trabalhos acessíveis para todas as pessoas em todos os momentos?' e 'Ocultas ou escondidas; explorando deficiências invisíveis.'

'Apoiar a diversidade nas artes e na cultura é a coisa certa a fazer. Acredito firmemente que artistas e instituições devem criar obras baseadas em todos os aspectos de nossa sociedade. Em 2012 o Unlimited foi uma verdadeira história de sucesso, permitindo que artistas com deficiência de todo o Reino Unido exibissem seu talento como parte da Olimpíada Cultural de Londres 2012. Aproveitando esse sucesso, o Unlimited garantirá que artistas com deficiência tenham uma plataforma sólida a partir da qual eles possam criar obras ambiciosas e de alta qualidade para desenvolver e ampliar o público por toda a Inglaterra e além.'

Alan Davey, Diretor Executivo do Arts Council da Inglaterra

Estudo de caso 3

Curadoria de acessibilidade: Tate Modern por Marcus Dickey Horley

A Tate Modern abriu em maio de 2000 e imediatamente se tornou a mais visitada das quatro galerias Tate. O que tornou a Tate Modern tão popular e bem sucedida?

Quando o prédio estava sendo criado e equipado, os arquitetos suíços do escritório Herzog e de Meuron trabalharam em estreita colaboração com um grupo de consultores com deficiência; estes consultores foram mantidos após a abertura do museu para formar um grupo consultivo e eles continuam a se encontrar a cada três meses para criticar nossos serviços e recomendar melhorias.

Para muitas pessoas, uma das experiências mais empolgantes de visitar a Tate Modern é observar as gigantescas dimensões da Turbine Hall. Na verdade a Tate Modern é composta de dois enormes volumes de iguais dimensões e temos a sorte de que quase metade do prédio tenha podido elevar-se a partir do hall, transmitindo uma sensação de uma paisagem urbana interna.

Uma das características da Turbine Hall é a longa rampa que liga o nível da rua com o chamado Nível 1. Esta rampa, embora remanescente de uma rampa de acesso, é na verdade bastante íngreme e foi projetada para oferecer uma sensação de alegria ao se entrar no hall. A tentação é descer a rampa rolando, e eu vi muitos cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebê, patinadores e skatistas descendo a rampa em alta velocidade! Menos atraente, entretanto, é a ideia de subir a rampa de volta para sair do prédio – ainda bem que existe um elevador.

A sinalização dentro do prédio é muito simples e os setes níveis da Tate Modern têm sua própria identidade particular. Um aspecto ligeiramente decepcionante do prédio é que temos apenas quatro elevadores de passageiros. Esta decisão foi tomada no final dos anos 1990, bem antes de as pessoas começarem a perceber que a Tate Modern iria se tornar o segundo museu mais visitado da Grã-Bretanha, com cinco milhões de visitantes por ano. Nossos planos futuros para o prédio abordarão essa questão.

Nós temos um Esquema de Igualdade de Direitos das Pessoas com Deficiência e Plano de Ação, que publicaremos on-line como parte do site da Tate. Como parte de nosso Plano de Ação para Pessoas com Deficiência, cada departamento dentro da Tate está comprometido com uma série de ações.

O grupo consultivo de acessibilidade é composto de quatro membros dos departamentos da Tate de todas as quatro instalações da Tate junto com um grupo profissionais da área artística com deficiência, artistas e pessoas com interesse profissional em museus acessíveis. Os membros externos do comitê são pagos por sua participação e recebem benefícios de membros como forma de agradecimento pelo trabalho que realizam.

O acesso é uma parte essencial da estrutura de cada departamento e decidimos não atribuir a membros individuais do staff responsabilidades de acesso para pessoas com deficiência de forma que todos assumissem responsabilidades. Dito isto, cada departamento envia um representante para o grupo consultivo de acessibilidade de acordo com as pautas variáveis.

O conceito de design de interiores reflete o antigo uso industrial do prédio, de modo que as galerias e átrios se parecem um pouco com as salas de um armazém. O cabeamento e a

tubulação são claramente visíveis ao longo do teto. Em termos de acesso físico, todas as áreas do prédio são planas, com acesso horizontal sem degraus inevitáveis. As portas da galeria são mantidas abertas por eletromagnetos, que desarmam em caso de alarme de incêndio.

Obras de arte são penduradas a uma linha de visão de 135 cm, tornando-as claramente visíveis para a maioria dos visitantes, incluindo visitantes que as observam de uma posição sentada. Sempre nos perguntam, geralmente pesquisadores, se sabemos quantos dos artistas cujas obras estão expostas têm ou tiveram deficiências, mas esta é uma questão difícil de responder. Alguns dos artistas da coleção têm ou tiveram deficiências, mas a relação entre deficiência e criatividade é uma questão relevante que está sendo abordada por muitas instituições voltadas para artistas com deficiência.

Quaisquer desafios possíveis para melhorar o acesso à Tate tem o envolvimento de nossos visitantes que nos ajudam desenvolver melhorias por meio de críticas construtivas. Levamos os comentários às reuniões do Grupo Consultivo de Acessibilidade e discutimos coletivamente as soluções. Temos a vantagem de ser um prédio relativamente novo e em expansão, que possui um razoável acesso, portanto nossa tarefa agora é avançar no sentido de implementar soluções de acessibilidade baseadas nas necessidades de nossos visitantes.

Estudo de caso 4

Arte pública e deficiência. Sendo percebido.

19 de Julho de 2012

Por J. C., para o periódico The Economist

No final de maio, a emissora britânica, o Channel 4, divulgou a mais recente comissionamento de arte pública, o projeto “Big 4”. Este projeto transformou o numeral 4 de quase 16 metros de altura, em frente à proeminente sede do canal em Londres, em uma gigante obra de arte. O “Monument to the Unintended Performer” [Monumento ao Performer Não Intencional], do escultor britânico Tony Heaton, é baseado no famoso mármore grego “Discóbulo de Míron” e incorpora o símbolo internacional de acesso, a roda da cadeira de rodas.

Construído a partir de painéis de aço aludindo o ouro, a prata e a bronze das medalhas Paralímpicas, o “Monumento” brilha à luz do sol. À noite, a tira de neon da roda adiciona dinamismo à peça: parece que esse colosso vai acelerar escuridão adentro. A escultura de Heaton não passa despercebida.

O 4 original foi construído em 2007 para marcar o aniversário de 25 anos do Channel 4, e para lançar o “Big Art Project”, projeto que encomenda obras de arte pública em grande escala instaladas em locais selecionados na Grã-Bretanha. As primeiras três versões do Big 4 – feitas pelo fotógrafo britânico Nick Knight, Mark Titchner, indicado ao prêmio Turner, e o escultor ganhês El Anatsui, – foram selecionados por um painel de curadores. Os dois trabalhos seguintes foram selecionados a partir de uma competição aberta a estudantes de arte e design e pessoas já formadas nessas áreas.

Para a nova comissão, o processo foi um pouco diferente. Uma proposta foi feita a artistas com deficiência: imaginar um trabalho que celebrasse as Paralimpíadas e a transmissão sem precedentes de sua cobertura (150 horas durante os 11 dias de competição). Tony Heaton

apresentou várias ideias. Especialista em esculpir mármore, ele também é chefe executivo da Shape, uma organização de artes que trabalha em prol de pessoas com deficiência. “Monumento” foi a que ficou.

Cadeirante, Heaton realiza muitas vezes um trabalho que fala sobre deficiências e a forma como as pessoas com deficiência são vistas na sociedade. Ele o faz porque “em geral isto é interessante, e é interessante buscar fazer isso de maneira criativa”. Mas apesar da tendência política de suas motivações, elas também são pessoais e estéticas. “Você pode criar uma polêmica ou você pode criar um belo poema, e o poema pode falar mais alto do que o protesto”, ele diz.

O “Monumento ao Performer Não Intencional” é uma celebração das conquistas Paralímpicas, mas é também uma celebração à pessoas com deficiência. O trabalho convida sutilmente o público a considerar esses “performers não intencionais”, aqueles que são colocados como o centro das atenções, independente de suas ações, simplesmente por sua condição. A mensagem principal de Heaton – de que pessoas com deficiência têm as mesmas preocupações que todo mundo, apenas enfrentam mais barreiras que o resto de nós – corre o risco de soar banal, mas que deve ser repetida. Os estereótipos de deficiências perpetuados na mídia e na cultura popular não são favoráveis as pessoas com deficiência, sejam eles retratados como “usurpadores de benefícios” ou como heróis que superam a todas as adversidades.

O artista – que na juventude jogou basquete de cadeira de rodas pela Inglaterra – ficou impressionado com o convite do Channel 4 para participar do projeto. Heaton diz que a esperança entre os artistas com deficiência é que este verão possa ajudar a desconstruir alguns pensamentos antiquados sobre atletas e artistas com deficiência, uma vez que contarão com as Paralimpíadas de maior visibilidade de todos os tempos e um extenso programa de investimento em artistas com deficiência especialmente comissionados como parte do Londres 2012 Festival. Mas ele e outros acrescentam que estes eventos podem ir até certo ponto. São necessários mais investimentos institucionais para remover as barreiras que as pessoas com deficiência encaram, do acesso a prédios e transporte ao treinamento extra no local de trabalho. Mas a arte é um começo.

O Debate entre *Disability Arts*⁴ e a cultura

A sua equipe de treinamento precisa de você! Desenvolvendo o debate

O debate sobre o que é *disability culture*⁵ e qual é o seu papel; o que constitui '*Disability Art*' e o que a diferencia da arte produzida por artistas com deficiência se mantém vivo no Reino Unido desde a metade dos anos 80. Trinta anos!

Um artigo unanimemente visto como relevante ajudou a dar o pontapé inicial na discussão: '*What is Disability Culture?*' de Simon Brisenden, reproduzido abaixo. Simon, que morreu precocemente e não muito tempo depois de escrever este artigo em 1986, foi um talentoso poeta e ativista político.

A discussão sobre a *disability culture* representada nas palavras de Simon capta um aspecto importante da reflexão e da discussão necessárias para conseguirmos esmiuçar o enigma das *disability arts*.

Não deixe de ler esta versão resumida do artigo de Simon cuja sabedoria e relevância, inalteradas pelo tempo, queremos compartilhar para que você possa julgar por si mesmo.

Então... Brasil... Este é nosso desafio! Assumir a liderança do debate: apresentar as ideias para as suas artes e setor cultural e revigorar a prática das *disability arts* com seu próprio e inimitável estilo brasileiro.

Estamos com você até o fim!

O que é *Disability Culture*? ... por Simon Brisenden

A ideia de *disability culture* começa com o reconhecimento de que nós, as pessoas com deficiência, somos valiosas e que não precisamos evitar uns aos outros ou nos esconder sob um manto de falsa integração. Já não precisamos construir nossas vidas sobre a negação e a desvalorização da nossa história e das experiências de dor e triunfo, tristeza e alegria que formam a realidade da nossa criação e vivência.

A *disability culture* está sendo construída com total honestidade sobre quem somos e os papéis que desempenhamos na sociedade. Com o reconhecimento do nosso valor vem a capacidade de nos organizar, de montar eventos, mobilizar nossas forças, produzir obras de arte, oferecer oficinas e boletins informativos e de nos reunirmos para compartilhar a linguagem comum das nossas experiências. Somente as pessoas que se valorizam e que escutam atentamente suas próprias vozes têm cultura própria ao invés de uma cultura de segunda mão doada a eles como contrapartida pela sua aceitação silenciosa da falta de reflexão sobre o que é "normalidade".

Então, o que é a *disability culture*?

Trata-se, em termos gerais, do que é comum em nossas vidas e que informa os nossos pensamentos e atividades. São nossas aspirações e nossos sonhos, bem como nossas lutas e pesadelos. São as coisas que não podemos esquecer, mas também as coisas que queremos lembrar.

São as escolas que frequentamos, os centros comunitários que residimos, mas é também a arte que produzimos e as instituições que construímos. São muitas coisas sem ser uma coisa específica.

Muitos de nós já conhecemos o valor da ideia de *disability culture* porque ela nos deu a oportunidade de compartilhar experiências, de sair da confusão do mundo privado e adentrar o mundo público da política e das artes.

Falando como poeta, a *disability culture* me deu aquilo que eu queria acima de tudo: um público com o qual eu pudesse me identificar. O mesmo aconteceu com vários artistas que ganharam força e encorajamento na percepção de que os temas que enfrentam não são incidentes isolados, mas têm um significado cultural mais profundo.

Vivemos agora em uma sociedade multicultural e precisamos ocupar com orgulho nosso lugar ao lado das outras culturas e estilos de vida que estão exigindo um espaço para se comunicar e encontrar sua voz. Precisamos aprender a apreciar as nossas diferenças e não disfarçá-las. Precisamos assumir o controle das nossas vidas e das nossas instituições para criar uma forma de fazer política que nasce da nossa singularidade, e que não seja conduzida por profissionais ou outras pessoas sem deficiência.

A *disability culture* se origina nos nossos guetos como uma forma de rebeldia, como acontece nos guetos de mulheres, de negros e de grupos étnicos minoritários, de homens gays e de mulheres lésbicas. Um gueto não é apenas um lugar de degradação física, uma favela, mas pode ser também um calabouço espiritual, uma prisão psicológica na qual a mente é acorrentada e torturada.

Portanto, não é apenas uma questão de fechar as escolas especiais e os centros comunitários, mas de abrir nossas mentes para o valor da nossa existência. A única forma de lutar contra esses guetos mentais é nos unindo e partilhando os temas comuns das nossas vidas.

Esta pode ser uma experiência emocionante e libertadora.

A *disability culture* é a teia que nos une com base no que é comum, deixando espaço e mobilidade para o crescimento. Ela é construída sobre a apreciação e a valorização de muitas coisas, incluindo aquelas que foram ignoradas ou tratadas com condescendência no passado. Por exemplo, um elemento importante da nossa cultura é a nossa história. Não devemos esperar que os acadêmicos decidam que nossa história é importante, mas precisamos começar a traçá-la nós mesmos, ouvindo e gravando as reminiscências de idosos com deficiência.

Suas histórias são a nossa história perdida, um elemento central da cultura à qual pertencemos.

Mas uma *disability culture* não se baseia apenas na valorização adequada do passado.

Ele também deve celebrar o presente e o futuro.

A *disability culture* promove a nossa expressão mais natural e autêntica e a percepção de que todas essas formas de expressão são preciosas.

Não se trata de nos isolarmos da sociedade, como algumas pessoas parecem pensar. Pelo contrário, devemos ocupar nosso lugar na sociedade e fortalecê-lo pelo conhecimento de que não precisamos descartar nossa identidade cultural como preço pela integração. (Este artigo apareceu pela primeira vez em Disability Arts na London Magazine em 1986).

⁴ sugestão de tradução: Arte Realizada por Artista com Deficiência

⁵ sugestão de tradução: Cultura da Arte Realizada por Artista com Deficiência



Biografias

Shape Arts

A Shape está empenhada em garantir que pessoas com deficiência participem plenamente do setor cultural e das artes.

O trabalho da Shape é único: no setor cultural, trabalhamos com os empregadores e potenciais empregados, com espaços e plateias, com artistas e galerias, com os organizadores e participantes de eventos, projetos e oficinas.

A Shape oferece formação especializada sobre acessibilidade e igualdade de direitos para pessoas com deficiência para espaços e instituições culturais e das artes.

Em agosto de 2013 e 2014, Barbara e Zoe realizaram uma série de visitas e oficinas em nome da Shape em espaços artísticos e culturais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Essa experiência lhes trouxe o entendimento e a valorização do comprometimento de nossos parceiros brasileiros com a construção de um setor cultural mais inclusivo e acessível.

Todos os instrutores e auditores da Shape Arts são profissionais com deficiência cuja experiência na área se origina em suas próprias vivências pessoais.

Barbara Lisicki

Barbara é instrutora e consultora, com experiência e especialização no campo das artes performáticas e da palavra. Dirige sua própria companhia, a enterTrainers Ltd., que fornece treinamento para muitos dos principais espaços e galerias londrinas, incluindo o Royal Albert Hall, O2 Arena; British Film Institute / National Film Theatre, Whitechapel, Ikon and Birmingham City Art Galleries. Atualmente, dá formação à equipe de Atendimento ao Cliente do Transport for London e London Underground para garantir que os sistemas de transporte levem as pessoas aos seus eventos culturais de forma segura e em grande estilo!

Em 2008, Barbara se tornou diretora da Equals Training CIC, empresa social focada no campo da igualdade de direitos para pessoas com deficiência, principalmente nos setores de saúde e de assistência social. Barbara tem conhecimentos especializados em personalização, saúde mental e intervenção comunitária. Também assume a gestão de projetos e o desenvolvimento de políticas estratégicas que ajudam a repensar os papéis nas artes, na assistência social e na saúde.

Barbara foi Gerente de Acessibilidade para as Cerimônias dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres em 2012, dando suporte aos artistas das equipes profissionais e voluntárias em relação às suas necessidades artísticas e de acesso.

Barbara foi a primeira mulher com deficiência a se apresentar como comediantes standup no Reino Unido, viajando extensamente e realizando trabalhos com a mídia. Foi cofundadora do The Tragic but Brave Show, uma companhia itinerante de artistas com deficiência, entre poetas, dançarinos, músicos e comediantes, que entreteram, provocaram e desafiaram o público em toda a Europa e Estados Unidos, ajudando a colocar no mapa artistas performáticos com deficiência.

Zoe Partington

Zoe trabalha extensivamente com a Shape Arts como instrutora de acesso, auditora e artista, oferecendo conhecimento especializado nas áreas de inclusão nas artes, design e arquitetura. Foi Diretora da Architecture Inside Out (AIO) onde desenvolveu atividades para a promoção de modelos de melhores práticas de acesso no ambiente construído. Zoe trabalha em estreita parceria com artistas, arquitetos, educadores com deficiência, e também profissionais de museus e galerias para avaliar, discutir e desenvolver o acesso a espaços culturais públicos e privados.

Em parceria com a Imagineer e Godiva, CORE e Vanley Burke, Zoe liderou uma mudança na área de Áudio Descrição Criativa quem ampliou o cenário da descrição das artes visuais no contexto da Olimpíada Cultural de 2012.

Zoe é consultora líder de um grande projeto de Heritage Lottery chamado Culturelink e é autora do livro “Mudando Perspectivas”.

Em outubro de 2015, Zoe irá lançar uma mostra com 10 imagens de artistas com deficiência como parte do Gwyl Ffotograffiaeth Ryngwladol Caerdydd [Festival Internacional de Fotografia de Cardiff]. Inspirada em sua estada no Brasil, em 2013 e 2014, Zoe começou recentemente a trabalhar em um projeto internacional, criando novas comissões com artistas com deficiência na Austrália e na Tasmânia, com a intenção de conectar artistas com deficiência em todo o mundo.

Para mais informações
Email: training@shapearts.org.uk
Website: www.shapearts.org.uk

Parceiros pela Acessibilidade na Cultura_

Rede Unlimited Rio_

APO (Autoridade Pública Olímpica), Biblioteca Parque Estadual, British Council, Casa Daros, CCBB RJ, Celebra, Cidade das Artes, Crescer e Viver, FUNARJ, FUNARTE, IBRAM, IDG, Instituto Moreira Salles, Mais Diferenças, MAR (Museu de Arte do Rio), Museu do Amanhã, Museu Histórico da Cidade do Rio, Museu do INGÁ, Oi Futuro, RAM (Rede de Acessibilidade em Museus), Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro, SMPD (Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência)

Rede Unlimited São Paulo_

APAA – Associação Paulista dos Amigos da Arte (Teatro Sérgio Cardoso), British Council, Mais Diferenças, MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, MIS – Museu da Imagem e do Som, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Sesc SP, SP Escola de Teatro

Parceiros do Museu de Arte do Rio - MAR_



UNLIMITED

Arte sem Limites

Realização



Correalização



Apoio



Supported using public funding by
**ARTS COUNCIL
ENGLAND**

Este material foi desenvolvido pela Shape Arts, juntamente com o British Council entre 2014 e 2015, para o Programa Unlimited de Acessibilidade na Cultura, realizado nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Todos os direitos reservados.